

Fábio Giorgio Azevedo¹

Em um dossiê sobre “políticas de narrativas”, mesmo uma resenha, esse gênero menor no mercado editorial dos periódicos acadêmicos, deveria pensar(-se) em voz alta e explicitar sua política, seu pre-texto. A modo conciso, cumpre dizer que se trata de uma resenha crítica, em que a relação com o texto resenhado estabeleceu-se menos por correspondência semântica e cognitiva senão por afecção estética, isto é, o *rigor* concebido como uma fidelização à redação da “forma” da experiência de leitura, qual seja, o *sentido de corpo* que as potências do texto cumpriram realizar. De modo que marcaremos alguns vetores específicos em que a leitura do livro *Pedagogia das encruzilhadas* (mórula editorial, 2019), do pedagogo e doutor em Educação pela UERJ, aprendiz de capoeira e curimba, carioca filho de cearenses, professor Luiz Rufino, tocou-nos em relevo, e que nos pareceram sua singularidade. Posicionados, na leitura e na resenha, como que em uma *encruzilhada*, seguimos o horizonte de sentido que o autor pareceu traçar sem, no entanto, nos furtarmos a alguns desvios ao encontro de aspectos, a nosso ver, importantes, e que poderiam permanecer inconfessos, por assim dizer, nas entrelinhas do texto. Seu axé (força vital), por exemplo.

Entre uma “ação rebelde, inconformada” e um “ato de ternura, amor e responsabilidade com a vida”, emana do texto um tom não ressentido, afirmativo e *atual*, apesar da assertividade com que expõe os escombros da civilização ocidental e retira “demônios das garrafas”. Uma escrita feita “ebó cuspidado nas esquinas do hoje”, carregada de mandinga e alegria. Apesar de aqui e acolá golpes críticos serem disferidos de encontro ao cerne da “cumeieira da modernidade” (raça, racismo, estado-nação), o autor não se servirá da crítica como enfrentamento re-ativo. Antes, parece fazer da “sabedoria tática” com a qual torneia sua *pedagogia* o próprio *modus operandi* de sua argumentação, “sem a pretensão de exterminar o outro com que se joga, mas de engoli-lo, atravessá-lo, adicioná-lo como acúmulo de força vital”. Atento aos múltiplos lados de qualquer *ser*, o autor trabalha com as ambiguidades dos efeitos do projeto

¹ Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Brasil. fabioazevedo@bahiana.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6402-5763>

colonial, no que deixa entrever frestas de resistência, golpes e giros possíveis. O próprio texto uma invocação às forças criadoras da diáspora africana.

Partindo da premissa de que a educação precisaria se deseducar do cânone, *Pedagogia das encruzilhadas* se coloca a “tarefa miúda” de “riscar os pontos da descolonização”, lançando mão, em *cruzo* com os repertórios dos colonizadores, das sabedorias ancestrais que foram desacreditadas ao longo dos séculos. Mas não intenta qualquer “resgate” nostálgico do passado como um voltar atrás ao encontro de alguma sociedade perdida. Ao contrário. Trata-se, segundo o autor, de “avivar o mundo” com o axé de nossas presenças. Dirige-se, portanto, ao agora. E como tática em um campo de “guerrilha epistêmica”, apresentará outros caminhos desde “referenciais subalternos”, como dito, em *cruzo* com os historicamente dominantes.

A *pedagogia das encruzilhadas* parece se fiar em três imbricadas dimensões: *política*, enquanto luta contra o racismo e prática de transgressão aos parâmetros coloniais; *poética*, ao propor um diálogo cosmopolita cruzado com inúmeras sabedorias e gramáticas subalternizadas, ao afirmar a impossibilidade de separação entre ser, saber e suas formas de produção de linguagem, concernindo na emergência de outras gramáticas; e uma dimensão *ética*, ao se prestar como uma prática para a transformação e a invenção de novos seres, apreciando a educação como fenômeno existencial entre vida, arte e conhecimento.

O autor deseja *cismar* com os regimes de verdade da razão ocidental. Para tanto, poéticas, políticas, gramáticas, cosmogonias, ontologias, epistemologias e filosofias são postas em operação para desestabilizarem qualquer tentativa de universalidade como projeto de dominação. Pelo que divergiria, por princípio, do cânone moderno ocidental que, segundo o autor, reduziria a complexidade do mundo produzindo o “desencante de outros saberes”, tornando-os modos subalternos. Para uma tal tarefa, a *pedagogia das encruzilhadas* não se colocaria como um caminho “alternativo”, mas sim como *tática* para palmilhar percursos historicamente negados - porque, se assim o foram, seriam anti-coloniais, e, portanto, necessários à descolonização. Como ideia-força, a *encruzilhada* cumpriria a função exigida pela tarefa de abrir caminho a novos rumos: um *campo de possibilidades* propício à invenção cotidiana. Feita conceito operador para a leitura do mundo, a *encruzilhada* se desbordaria em disponibilidade para “escarafunchar as frestas” e praticar a invenção e a afirmação da vida.

Na constituição do seu *paideuma* ex-cêntrico, o autor interpretará os acontecimentos político-epistemológicos envolvidos na colonialidade através da cosmologia afro-diaspórica, onde identifica e atualiza personagens míticas, retirando lições dos signos componentes daquelas ancestrais filosofias. Como se vai percebendo ao longo da leitura do livro, praticaria uma espécie de *perspectivismo* teórico o autor. Que seria essa transposição ativa, esse *cruzo*, para ficarmos com os seus termos, entre epistemologias - mesmo quando assentes em cosmologias distintas. Um gesto emblemático, nesse sentido, é a transposição de Yangí (Exu ancestral) da narrativa poética de Ifá para se transformar em conceito próprio a uma hodierna política epistemológica de descolonização, a *teoria exusiaca*. Yangí vira operador conceitual em uma perspectiva crítica para se praticar outros caminhos teóricos. Justo essa divindade iorubana transladada na diáspora, que a cosmologia cristã construiria como demônio na cultura ocidental, a *pedagogia das encruzilhadas* invoca e encarna como símbolo, para, sob efeito de suas potências, esconjurar a arrogância e a intransigência infernais dos senhores colonizadores.

O livro opera em zigue-zague entre aquilo que diz e aquilo que realiza enquanto texto, demonstrando em ato a *complexidade* em que se assenta a proposta. Ao tempo em que cria conceitos, o autor os faz atuar em sua própria poética de escrita, como uma cobra engolindo o próprio rabo, para evocar a inquietante figuração do eterno retorno

nas parábolas de Zaratustra. Mesmo para palavras como, “resiliência”, “transgressão”, “descolonização”, já conhecidas e apropriadas pelo jargão acadêmico, ou mesmo pelo senso comum da *intelligentsia*, propõe o autor inflexões de sentido. Ao correr do texto faz *vadiações* com a linguagem ao modo de libertar outras gramáticas, coerente com a dimensão *poética* da pedagogia que assenta. E arregaça um repertório de termos oriundos de sabedorias ancestrais para compor seu “balaio conceitual”, como diz, por vezes versados em narrativas populares, por autoras e autores de uma filosofia popular brasileira: “marafunda”, “carrego colonial”, “cruzo”, “mandinga”, “riscado”, “encruzilhada”, “ginga”, “giro”, “ebó epistemológico”. Um glossário curioso, inventivo e pertinente, que suplementa ao léxico acadêmico uma gramática outra.

A estilística *pop* elegante do livro nos provocou um efeito de *gira*, no sentido em que os conceitos e as noções apresentados vão retornando ao longo do texto em uma espiral semântica, com repetições diferenciais que dão à sensação do “já li isto” um a mais. Como se a cada “repetição” uma nova pedrinha miúda fosse acrescentada em segredo. Como se, rodopiando em um redemoinho de saci, as coisas mais distantes de repente se entrecocassem, ao circularem sob o paradoxo da força, ao mesmo tempo centrípeta e centrífuga, das asas do vento no meio do redemoinho. E, ao se chocarem, as coisas mais distantes denunciassesem sua proximidade originária, como ocorre com as sabedorias em sua *ancestralidade*, mesmo se paridas alhures.

Com uma atenção constante ao próprio movimento enquanto se movimenta - quem sabe, fruto da *sabedoria de corpo* do aprendiz de capoeira -, o texto de *Pedagogia das encruzilhadas* faz *mandinga* com a ordem do discurso acadêmico, ao enviesar em sua prosa termos, noções, conceitos, e mesmo a sintaxe. Mais do que isso, alia à criação conceitual a própria pragmática da escritura, pondo em funcionamento, na poética e na gramática, os conceitos em estado nascente. Um exemplo: ao considerar o tempo presente como “uma fração, um recorte arbitrário da realidade expandida ou do alargamento do agora” e a *ancestralidade* como o “espírito do tempo que baixa em performance espiralada”, o autor religa o próximo e o distante, o passado, o futuro e o agora, autorizando-se a um riscado teórico de ampla envergadura, mesmo se não deixa vestígio. Entanto, pode-se entrever, em paralaxe com o seu riscado teórico, indícios inconfessos de possíveis *interferências* na composição teórica do livro que remeteriam a territórios cosmo-epistemológicos plurais, europeus inclusos. De todas as co-incidências no riscado do autor, sem dúvida, a perspectiva brasileira “decolonial” *avant la lettre* cunhada por Oswald de Andrade, a *antropofagia cultural*, é a que mais vibra invisível através do texto, feito “boca que tudo come” - a face ameríndia de Enugbarijó. Vestígios que confirmam a natureza nômade das sabedorias e a perspectiva ética de uma pedagogia que não cancela, mas se firma como *encruzilhada*.

Pedagogia das encruzilhadas nos parece livro da hora, e em boa hora para persistirmos na descolonização cosmológica que desmedra todo racismo. Em específico, no tocante ao racismo epistemológico, Exu como princípio explicativo de mundo e a encruzilhada como lugar de possibilidades, parecem signos sobremaneira potentes para o despacho de uma ciência encantada que abra os caminhos. Salve o mensageiro!

Notas

¹ Após concluir e submeter à revista esta resenha, tive notícias da poeta, ensaísta e dramaturga Leda Maria Martins. Embora não citada em *Pedagogia das Encruzilhadas*, sua obra *Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá*, publicada no ano de 1997, impõe-se como uma referência - consideradas as vizinhanças cosmo-epistemológicas, ainda que em territórios distintos.